

Velho, Gilberto (org.). *Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

O olhar antropológico sobre o Rio de Janeiro e Lisboa

Alessandra El Far
Doutoranda em Antropologia Social - USP
Bolsista Fapesp

Desde que os antropólogos passaram a olhar a vida urbana como um espaço privilegiado de reflexão, uma fonte variada e inesgotável de objetos de estudos tem vindo à tona. Apropriando-se de um olhar distanciado, o cientista social começou a percorrer sua própria cidade procurando entender o que até então parecia cotidiano e trivial. Assim andar pelo bairro, escutar a apresentação um conjunto de música, observar os grupos locais ou mesmo ler um texto deixou de ser um exercício desinteressado constituindo-se em um detalhado e complexo trabalho de campo. *Antropologia Urbana*, organizada pelo professor Gilberto Velho, nasceu do objetivo de divulgar algumas destas análises urbanas realizadas nas cidades do Rio de Janeiro e de Lisboa.

O livro, que reúne ensaios de cientistas sociais brasileiros e portugueses, exprime a estreita relação de convivência que vem sendo cultivada entre o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o ISCTE (Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa), em Portugal. Nesta obra conjunta, os autores, que desenvolveram seus trabalhos de pós-graduação em uma dessas respectivas instituições, encararam as duas metrópoles como palco de uma fecunda investigação antropológica.

Assim, acompanhando entrevistas, estudos de caso, dados estatísticos, pesquisas históricas, e análises de textos literários, o leitor mergulha em incursões etnográficas que discutem, por exemplo, as dinâmicas sociais dos conhecidos bairros de Copacabana, no Rio, de Alfama e da Bica, em Lisboa, as representações da população idosa sobre o espaço urbano, as condutas sexuais nas diferentes localidades da cidade, a prática política em um subúrbio carioca, e a gênese de uma realidade turística no Rio de Janeiro.

Ainda nesse trajeto, dois estilos musicais são estudados, o fado visto como uma forma de expressão popular, urbana, plural e fragmentada, e o *rap* português que ao mobilizar um determinado público cria novas linguagens e identidades. A coletânea inclui também um ensaio que revela em Fernando Pessoa de *Livro do desassossego* o antropólogo que discorre sobre as principais características da vida mental metropolitana.

Tendo em vista os grupos sociais e suas representações sobre uma determi-

nada realidade urbana, esses artigos buscam responder a questões que, por estarem tão arraigadas no dia-a-dia da cidade, passam despercebidas pelos cidadãos locais. Por que a música *rap*, produzida em Portugal, ao contrário de outros países, aborda um discurso politicamente correto, fala da tolerância, da luta contra as drogas e o racismo? Por que os primeiros guias turísticos do Rio de Janeiro colocam o centro da cidade como marco referencial de atrações? Ou ainda como a publicação de uma pesquisa nos jornais a respeito da opinião de candidatos à Prefeitura sobre a legalização do aborto e do casamento homossexual abala as relações de uma vereadora de subúrbio com seus eleitores?

Da mesma forma, pode-se indagar sobre o crescimento vertiginoso de Copacabana nos anos 50 e 60, a sedução e os arranjos conjugais nos bairros de classe média, as apropriações das cantigas de fado pelas diferentes camadas sociais ao longo do tempo, bem como uma infinidade de outras situações presentes no contexto dessas duas grandes metrópoles de língua portuguesa.

Em todos os textos, o espaço urbano encontra-se relacionado aos universos culturais em questão. O bairro, o subúrbio, a praia acabam por mediar padrões específicos de comportamento e de inserção social. A heterogeneidade dos vários 'mundos sociais', seja da zona sul ou zona norte do Rio de Janeiro, do centro ou da periferia de Lisboa, com seus sujeitos desempenhando papéis e funções em constante transformação, estão aqui esmiuçados pelos autores na tentativa de formularem uma argumentação que abarque a multiplicidade dos fenômenos arraigados na paisagem cosmopolita.

Ou seja, para além da diversidade temática e do diálogo com diferentes disciplinas acadêmicas, já que muitos autores usufruem conceitos caros à ciência política, história, geografia, entre outras, esses artigos apresentam uma mesma preocupação teórica: discutir os dilemas, os significados e as particularidades da inserção do indivíduo no seio da sociedade contemporânea.

Mesmo retratando características específicas das sociedades brasileira e portuguesa, a coletânea procura fornecer subsídios para discussões bem mais amplas acerca do fenômeno urbano, que atualmente abrange dimensões históricas e culturais consideráveis. O desenvolvimento das cidades em todo o mundo, com seus sujeitos incógnitos e novos ritmos de vida, inaugurou padrões de sociabilidade diferenciados que, ao serem mapeados e estudados, evidenciaram a existência de códigos e valores reafirmados por grupos distintos, até então desconhecidos pelas normas usuais. Daí o esforço de conhecer as minúcias de um cotidiano particular a fim de chegar a uma compressão mais abrangente sobre desta recente realidade.

Por seu pioneirismo em analisar, sob o viés sociológico, as grandes concentrações urbanas, seus estilos de vida e visões de mundo, Georg Simmel é usado neste livro como uma via primordial de interpretação. Ao longo dos ensaios, os conceitos e textos do filósofo e sociólogo alemão são tomados de empréstimo na tentativa de melhor elucidar os tipos de individualismo e a natureza das interações sociais na cidade.

O olho, como ensina Simmel, por estar entre os órgãos especiais do sentido, realiza uma ação sociológica particular, é através dele que se pode desvendar as múltiplas relações do indivíduo com a sua cidade e as demais pessoas com as quais estabelece algum tipo de convivência. Ora atentando para as estratégias políticas e sociais de segmentos particulares, ora tendo por desafio a compreensão de espaços delimitados geograficamente, dentre outros aspectos possíveis, os autores de *Antropologia Urbana* assinalam realidades distintas de um mesmo cenário urbano.

Em outras palavras, por meio de um olhar que procura suprimir o senso comum, esses antropólogos evidenciam o que há de original e singular no cotidiano da cidade. Semelhante ao olhar estrangeiro de Fernando Pessoa - para lembrar mais uma vez o poeta português -, que ao se aproximar da janela de sua casa, observa o estranho movimento de todos os dias. Diz ele: “Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta./ Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,/ Vejo os entes vivos, vestidos que se cruzam,/ Vejo os cães que também existem,/ E tudo isso me pesa como uma condenação ao degredo,/ E tudo isso é estrangeiro, como tudo”¹.

NOTAS

- ¹ Fernando Pessoa, “Tabacaria”. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997, p. 364.